Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

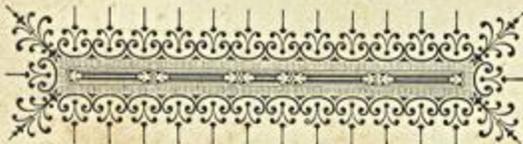
| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).. | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 424

1 DE OUTUBRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.


## CHRONICA OCCIDENTAL

Está de lucto a aristocracia portugueza pela morte d'um dos seus membros de jerarchia mais elevada, o sr. duque de Albuquerque.

Pertencente a uma das familias mais illustres de Portugal, descendente de Affonso d'Albuquerque, do grande Albuquerque *em quem poder não teve a morte*, o sr. duque d'Albuquerque ha dias fallecido no seu palacio do largo do Poço Novo e de quem o Occidente publica hoje o retrato, nunca pensou em representar papel saliente na vida publica, e duque, par do reino, por direito heraditario, possuidor de grande riqueza, afastou-se sempre systematicamente da vida politica, vivendo alheio a todas as luctas dos partidos, sem ambições de mando ou de notoriedade, contentando-se em manter as tradições honradas que herdara de sua familia, pela correcção impeccavel da sua vida privada, pela delicadeza verdadeiramente fidalga do seu tracto, pela hombridade e lealdade do seu elevado caracter.

E parece-me ser esse, o traço caracteristico d'esse bom e honrado homem, que tão pouco deu que fallar de si em vida.

E' claro que no nosso tempo e na nossa sociedade em que o *reclame* é o Deus do dia, em que o desejo de ser fallado, de dar nas vistas é a doença dominante, a enfermidade do fim do seculo, um homem como o duque d'Albuquerque, que tão facilmente podia dar nas vistas e ser fallado, que tinha para isso o seu titulo bem saliente, a sua alta posição social, o seu abundante dinheiro, se o não foi foi unicamente porque não o quiz ser.

E esse não *querer ser* denota uma modestia, uma insenção, um bom senso verdadeiramente excepcionaes no tempo em que vivemos, um feitio original, tanto mais apreciavel quanto rarissimo, no meio da febre da notoriedade que agita hoje todas as classes sociaes, mercê da celebridade barata que o jornalismo de dez reis veio pôr ao alcance de todas as bolsas. O duque de Albuquerque nunca foi atacado por essa febre; elle que com o seu titulo brilhante e com a sua opulenta fortuna podia dar festas deslumbrantes, que fizessem acontecimento na nossa terra, onde é tão facil a qualquer caso ter as honras de acontecimento, cujos convites fossem disputados com enthusiasmo, cujas descripções enchessem de bello estylo extensas columnas de jornaes; elle que podia ter equipagens espectaculosas que atravessassem as ruas de Lisboa entre *Oh! Oh!* de espanto dos *baudads* indigenas, e que dessem leis á moda, contentou-se em viver os seus 75 annos modestamente, obscuramente quasi, não dando que fallar de si ás gazetas; e dando-se todas as commodidades da vida, mas com um absoluto desprezo da galeria, não lhe sacrificando um momento do seu tempo, um ceitil dos seus haveres, tendo carruagens apenas para conveniencia propria e não para admiração do publico, fazendo a caridade — porque o duque de Albuquerque dava muitas esmolas, sustentava muitas familias pobres — mas fazendo a caridade a seu modo, na sombra, sem se importar com o que diriam as gazetas, dando esmolas para fazer bem aos pobres e não para fazer bem ao seu nome.

Essas esmolas, essas obras de caridade eram ignoradas de muita gente; só as sabiam aquelles que d'ellas aproveitavam, a quem ellas matavam a fome e que hoje choram sentidas lagrimas pela morte do seu bemfeitor. O seu caracter esse, era conhecido de todos que tratavam com elle porque o duque de Albuquerque era d'uma grande simplicidade, d'uma franqueza e sinceridade ingenuas que vão desapparecendo muito do mundo hoje em dia. Fidalgo por nascimento collocado por esse nascimento nas emminencias da sociedade portugueza, o duque de Albuquerque tratava toda a gente do mesmo modo, não fazia sentir a ninguem a superioridade da sua posição, e do mesmo modo que fallava com os reis e com os principes, fallava com o mais humilde cidadão, com o mais obscuro popular, e isso grangeava-lhe as sympathias de toda a gente, a estima geral.

Porque pode bem dizer-se que o duque de Albuquerque era geralmente estimado.

E merecia sel-o, porque era um bom e excellente homem elogio funebre que nos tempos que vão correndo não vale tão pouco como isso.

Eu sem ter grande intimidade com elle estimava-o muito; a sua morte causou-me sincera pena, e lastimei profundamente que a doença impertinente que me prendia em casa me não deixasse ir prestar-lhe nas ultimas honras funebres, a minha homenagem de estima e de saudade.

Conhecia-o ha mais de vinte annos, do Pateo do Geraldes, da casa do seu tio o marechal Saldanha, casa que elle frequentava muito a miudo e onde eu passei quasi que dia a dia tres annos da minha mocidade preso pela amisade intima e depois intimo parentesco que me ligava ao neto do marechal, o conde Tavarede, de quem muitos annos fui companheiro in-

DUQUE DE ALBUQUERQUE — Fallecido em 24 de setembro de 1890

(Segundo uma photographia)

separavel. O duque de Albuquerque, então conde de Mesquitella era um dos pontos quasi permanentes do cavaco das noites, cavaco a que lá se chamava *caturreira*. O conde de Mesquitella estava sempre prompto para a *caturreira* e era alegre, jovial, como se fôsse um rapaz.

E entretanto n'esse tempo já elle parecia um velho, mercê da preoccupação de parecer novo que o dominava, preoccupação que era o unico fraco, a unica *pose* d'aquelle homem simples e bom que em mais nada tinha *pose* alguma.

Esta preoccupação de não querer mostrar que se é velho ou que para lá se caminha, é uma preoccupação muito especial, muito original, uma sorte de doença que ás vezes attaca mesmo os espiritos mais robustos, mais brilhantes. Entre nós ha muitos exemplos d'isto, como por exemplo o grande Garrett, cuja variada collecção de chinós ficou celebre nas tradições da vida elegante de Lisboa, o illustre Fontes Pereira de Mello, o famoso estadista cuja perda é de dia para dia mais chorada e mais sentida, porque de dia para dia se conhece mais dolorosamente a enorme falta que elle faz ao nosso paiz.

Como acontece quasi sempre todos os processos de que o conde de Mesquitella então usava para parecer mais novo faziam-n'o parecer mais velho, e por isso foi uma verdadeira surpreza para muita gente o saber-se agora que elle tinha só 75 annos — esses 75 annos que de ha muito toda a gente lhe dava.

E nós fomos tambem dos surprehendidos.

Ha vinte annos certos, o conde de Mesquitella tinha quasi o mesmo aspecto que conservou até ha cousa de anno e meio, antes das ultimas doenças virem estampar-lhe no rosto o signal bem visivel da aproximação do fim.

E temos a guiar a nossa recordação uma data memoravel — a de 19 de maio, a da famosa revolução do marechal.

Na vespera d'essa revolução estivemos com o conde de Mesquitella no Pateo do Geraldes até ás tres horas da madrugada, a hora habitual das visitas em casa do marechal de Saldanha e de sua filha a sr.ª condessa de Farrobo, pois n'aquella casa vivia-se mais de noite que de dia, e era vulgarissimo ás duas horas da manhã parar um trem á porta com pessoas que iam de visita, que iam para conversar um bocado.

E cousa singular n'essa noite, vespera da atrevida cartada que o marechal ia jogar, a sua casa conservou perfeitamente o mesmo aspecto de todas as noites.

O marechal esteve até perto da uma hora conversando nas suas salas com os *habitués* do costume e depois retirou-se aos seus aposentos.

A conversação continuou alegre e deapreoccupada como sempre, versando sobre mil assumptos differentes e a ninguem que estava ali passou pela cabeça, que o marechal que todos julgávam n'esse momento a deitar-se na sua cama, estivesse montando a cavallo para ir collocar-se á frente dos regimentos que haviam de ir ao paço intimar a El-Rei a demissão do ministerio!

Quando sahi de lá e vim para minha casa, que era na Patriarchal, ao passar por S. Mamede ouvi umas cornetas la para as bandas de Val de Pereiro, mas não liguei a isso importancia alguma.

Deitei-me e na manhã immediata quando accordei tinha-se dado o movimento de 19 de maio, o ministerio historico estava demittido e o duque de Saldanha feito presidente do conselho assumira já a dictadura.

Essa dictadura fez uma coisa excellente, que talvez por isso mesmo, por ser excellente foi a primeira coisa que o ministerio que d'ali a 100 dias lhe succedeu, tratou de desmanchar logo: — o ministerio da Instrucção Publica.

E o duque de Saldanha collocou á frente d'esse ministerio, que não se comprehende que no fim do seculo XIX não haja em todos os paizes civilisados da Europa, um homem competentissimo de grande e indiscutivel auctoridade em assumptos de instrucção — o sr. D. Antonio da Costa, precisamente o irmão do duque de Albuquerque, cuja recente morte nos accordou estas reminescencias, uma das capacidades mais brilhantes e notaveis do nosso paiz, o escriptor primoroso que fez da instrucção publica o estudo e a preoccupação da sua vida.

E por uma coincidencia singular acabamos de ler n'este momento um notavel trabalho d'um homem que como D. Antonio da Costa tem dedicado tambem á Instrucção Publica todo o seu distincto talento e incansavel actividade, trabalho em que se faz plena justiça ao Ministerio d'Instrucção publica creado pelo Marechal e ao homem eminente por elle escolhido para dirigir os negocios difficeis e complexos d'essa difficil e importantissima pasta.

O trabalho a que nos referimos é o notavel discurso proferido na camara dos pares, acerca da recente creação do Ministerio d'Instrucção publica pelo illustre cathedratico o sr. Bernardino Machado, par do reino eleito pelo collegio scientifico.

N'esse discurso o erudito orador faz a historia minuciosa do ensino primario entre nós, e n'essa historia como não podia deixar de ser põe notavelmente em relevo a parte brilhante que na organisação d'esse ensino cabe a Rodrigo da Fonseca Magalhães, a D. Antonio da Costa e a Antonio Rodrigues Sampaio e demonstra como o longo trabalho tentado desde 1835 em pró da instrucção primaria, se affirmou definitivamente na organisação do ensino primario feita em 1870 por D. Antonio da Costa, e como essa organisação notabilissima tem sido o modelo de todas as leis subsequentes sobre o assumpto.

Não é aqui o logar, quando a chronica termina e o espaço nos falta, de fallar do discurso do sr. Dr. Bernardino Machado com a attenção e elogio que esse magnifico trabalho exige e porisso deixando para outra chronica o cumprimento d'esse nosso dever de chronista, limitamos hemos hoje a cumprir o nosso dever de amigo agradecendo ao illustre professor a offerta amabilissima que nos fez do seu notabilissimo discurso.

*Gervasio Lobato.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### DUQUE DE ALBUQUERQUE

Falleceu no dia 24 do mez findo, no seu sollar do Largo do Poço Novo, em Lisboa, o sr. D. João Affonso da Costa de Souza de Macedo, 4.º visconde e 2.º conde de Mesquitella, 1.º duque de Albuquerque, par do reino, gran cruz da Conceição e de Carlos III, commendador de Christo e de Aviz, par de Inglaterra e barão de Murlingar na Escocia, senhor da ilha Grande de Joannes, armeiro-mór do reino e armador-mór de El-Rei, capitão da Guarda Real e do conselho de Sua Magestade.

Era um grande do reino, descendente das mais nobres familias de Portugal, d'aquellas que conquistaram os seus pregaminhos e brazões, pelos seus actos de valor e dedicação patriotica, no tempo em que a nacionalidade portugueza se fundou, e consulidou á custa do esforço heroico de muitos bravos, que tão boa memoria deixaram de seus feitos.

Os Costas, os Macedos, e os Albuquerques são os troncos d'onde descendia o actual duque de Albuquerque, e tão famosos são esses troncos genealogicos que á sua influencia deveu o nobre fidalgo, que se extinguiu, uma boa parte dos respeitos que sempre o cercaram, das honras que mais o enobreceram, da veneração publica que sempre o acatou, como a uma preciosa reliquia d'essa velha aristocracia que se enobreceu pelos seus proprios meritos, sem assumos de vaidades, nem mercês de favor, antes consçia e tranquila de bem merecer as distincções com que a munificencia dos reis a agraciavam e o applauso do povo acclamava.

Era filho de D. Luiz da Costa de Souza de Macedo e Albuquerque primeiro conde e quarto visconde de Mesquitella e D. Maria Ignacia de Saldanha Oliveira Daun, filha do Conde de Rio Maior e neta por sua mãe do primeiro Marquez de Pombal. O illustre fidalgo era quinquineto do celebre ministro de D. Affonso VI, Antonio de Souza de Macedo, em cujo sollar do Poço Novo, falleceu.

Nasceu em Lisboa a 11 de fevereiro de 1815 e nas aulas superiores que cursou, foi sempre um estudante laureado, o que lhe valeu as boas graças reaes distinguindo-o el-rei com o titulo de conde de Mesquitella e as honras de official-mór da casa real no impedimento de seu pae, que tinha egual honra, agraciando-o tambem com a commenda da Conceição.

Foi com estas honrarias que o joven conde de Mesquitella visitou as côrtes de Hespanha, de França e de Inglaterra, onde tratou com sumidades politicas, litterarias e scientificas d'aquelle tempo, e onde pelos seus merecimentos mereceu as mais subidas distincções, sendo lhe conferido em Inglaterra os titulosde Lord e barão de Murlingar e senhor da ilha grande de Joannes, como referimos.

Desempenhou mais tarde o logar de secretario da legação portugueza em Paris.

Como fidalgo da melhor linhagem, exerceu altos cargos na côrte, gozando sempre a particular estima da familia real, e por occasião dos casamentos de el-rei D. Pedro V e el-rei D. Luiz, foi o illustre fidalgo o encarregado de receber ao desembarque as jovens princezas, depois rainhas de Portugal.

Senhor de um dos primeiros margados de Portugal, soube administrar os seus bens, sem os depreciar, apesar do seu espirito caridoso e bom o fazer um protector da pobreza, que hoje lamenta a sua perda.

O Duque de Albuquerque de ha muito que se tinha retirado da vida activa da côrte, o que não quer dizer que se tivesse retirado completamente da vida dos salões. O seu espirito sempre novo não lhe permittia envelhecer o phisico que antes tratava com as preoccupações d'um rapaz. Ainda não ha muito o vimos arrastar uma contradança em um baile em que estivémos, já pelas horas em que os rapazes começam a capitular com a irriqui eta Deusa, e tres dias antes de fallecer, quando a pneumonia já investia o seu segundo ataque fatal, ainda lhe fallámos á missa do meio dia dos Paulistas, onde elle se arrastou quasi a desfallecer, mas luctando com um resto de vida contra a morte que se lhe abeirava.

Que força de espirito não havia ainda n'aquelle corpo, que mal se sustinha vergado ao soffrimento.

Eis em breves traços algumas notas biographicas do illustre fidalgo que se extinguiu, occultando no tumulo uma das figuras mais caracteristicas e mais nobres da velha aristocracia portugueza a que o OCCIDENTE não podia deixar de prestar a sua homenagem, como archivo que é da historia patria.

A' illustre familia do fallecido enviamos a expressão do nosso pezar.

### PELOURINHO DE CEZIMBRA

Damos hoje á estampa a gravura do pelourinho de Cezimbra, com que enrequecemos a collecção de pelourinhos que temos publicado no OCCIDENTE, reunidos pouco a pouco conforme temos podido obter os seus desenhos.

Cezimbra é das mais antigas povoações cuja origem é anterior á fundação da monarchia, e a sua pequena historia já ficou apontada a pag. 219 e 221 do vol. 7.º do OCCIDENTE, em que publicámos um avista d'esta villa.

O seu pelourinho ainda se conserva de pé e é uma columna simples rematada por um capitel de phantasia, sobre o qual assenta a picota.

A gravura despensa-nos de mais minuciosa descripção.

### A MODERNA ARTILHERIA FRANCEZA E TORRE A BARBETE DE «CANET»

Ha muito tempo que os grandes estabelecimentos de construcções navaes francezes, lotavam com uma grande falta, por não poderem fornecer a artilheria, aos navios construidos para os differentes estados do universo.

As muitas nações que encommendavam navios em França, tinham que mandar fazer a artilheria na Inglaterra ou Allemanha.

A artilheria franceza do coronel de *Bange*, é exclusivo do governo, por esse motivo só podiam fazer construcções navaes completas para o governo francez.

Hoje, porem, devido ao grande genio inventivo dos francezes, já podem armar os navios construidos para o estrangeiro.

*A Société des Forges et Chantiers et la Mediterranée* (La Seyne) acaba de armar o grande couraçado hespanhol «Pelayo», e os couraçados japonezes «Mutsuchima», «Hachidte», e «Itsukushima».

Este ultimo espera no porto de Toulon a equipagem japoneza que o deve tripular.

Foi em 1887 que o governo japonez encommendou os dois primeiros d'estes navios, que deslocam 4200, toneladas, com a artilheria de 460 toneladas a bordo. O armamento de cada um d'estes guarda-costas comprehende: um canhão Canet de 0, 35 e de calibre 40, que dispara de uma torre a barbete, com munições para 60 tiros doze canhões de 0, 13 com munições para cem tiros cada um; cinco canhões Hotchkiss, de tiro rapido com munições pora 400 tiros cada um; onze de 0, 0412 Hotchkiss de rodizio, com munições para 1:500 cada um; quatro tubos-torpedos Canet, dois fixos (um á prôa e outro á pôpa) e dois mo-

veis de fogo de banda com um sopprimento de 20 torpedos de 4,m 95.

De passagem digamos que foi depois de um certame em que tomaram parte Krupp, Armstrong e varios contractadores francezes, que o governo japonez deu a preferencia ás peças Canet.

A torre barbete que nos propomos descrever mais em particular acha-se montada do lado da prôa do navio. É forrada de chapas de aço de 0,33 de grossura. O tubo central para dar passagem ás munições é tambem reforçado com chapas de 0,27 desde a couraça até á coberta.

O canhão Canet de 0, 35, calibre 40, que serve de armamento d'esta torre, pesa 66 toneladas. E' todo de aço. O tubo extende-se de um extremo ao outro da peça, e mede 13,m 53 de comprimento. Reforçam no aros e cintos de fechos que cingem fortemente as duas extremidades. O canhão não tem munhões, mas assenta no reparo por via de arcos com entalhes, meio efficassissimo de conseguir a estabilidade entre a peça e o reparo, sem que o esforço se concentre em partes tão delicadas como o são os munhões.

Não falaremos aqui do apparelho obturador nem da manobra da colatra, que é sempre a mesma em todos os canhões Canet.

A peça de 0, 35 lança um projectil de 454 kil. 41 e a velocidade inicial attinge 759 m por segundo. A carga é de 282, kil. 75 e o projectil pode varar, á bocca da peça, uma chapa de ferro de 1,m 07 de espessura e uma de aço de 0, 64. O seu alcance maximo, a um angulo de tiro de 30°, é de 20 kilometros.

Se compararmos esta peça de ordenança com qualquer outra do mesmo calibre, seremos forçados a admittir que nenhuma existe mais poderosa. A tensão da sua trajectoria garante-lhe ao mesmo tempo grande certeza no tiro.

Devido ás excellentes disposições da carreta, foi possivel reduzir o diametro da torre dentro da armadura a 7m, 92.

O leito ou berço que forma a carreta e recebe a peça e as picotas hydraulicas, desliza sobre uma grade. Esta gira em roda de um eixo horizontal sustentado por uma plataforma movel, sobre a qual estão tambem collocadas as prensas destinadas a levantar a grade para a pontaria vertical.

Dois carris longitudinaes de aço fundido, ligados por tres braços transversaes, constituem a grade. Na frente estão as duas peças assentes em supportes que formam parte da plataforma da torre.

Um poço, no centro da torre, põe esta em communicação com os compartimentos, inferiores de entre-pontes onde é o paiol. Todo o machinismo do ascensor se move com a plataforma e acompanha a carreta na pontaria horizontal. E' este um expediente originalissimo imaginado pelo sr. Canet, expediente pelo qual, como se vê, o projectil e a carga podem ser levados até á culatra da peça, seja qual for a posição d'esta.

O tubo que forma este poço central gira sobre um parafuso fixo no convez do navio, e tem na parte inferior uma roda que, sob a acção de uma corrente manobrada por prensas hydraulicas, effectua o movimento para o fogo lateral.

A carga da polvora está dividida em dois meios-cartuchos, que são tirados dos paioes elevados com os projecteis para debaixo da plataforma, por um carro que anda sobre carris. Este carro desce por uma roldana para uma caixa com tres compartimentos, fixos no eixo e que giram com elle. E' d'aqui que as munições passam para o *revólver* que recebe as cargas, nome que indica a sua analogia com a forma do cano de em revólver. O *porta-carga* entra no tubo central, onde é seguro por guias de aço que estão inflexas ao nivel da plataforma, de modo que a carga possa chegar á retaguarda da peça e levantar-se até o nivel da culatra.

Uma alavanca de segurança impede que o porta-carga desça antes de se carregar.

O ascensor manobra com duas prensas collocadas na parte superior da plataforma. As correntes passam sobre roldanas conductoras e estão presas ao carro. Quando este chega á retaguarda da peça, dá-se-lhe uma volta de mão, afim de que leve sucessivamente á frente da camara cada um dos compartimentos que conteem o projectil e os dois cartuchos.

A carga é posta no seu logar por meio de um soquete hydraulico de feitio especial. Quando introduzido o projectil, entra em movimento uma valvula de cabo para limitar a distancia no calcar successivo dos cartuchos. Evitam-se assim abalos e compressões demasiadamente fortes que podiam esmagar os grãos de polvora e deteriorar a carga.

A armação de ferro chapeado da torre consiste na plataforma girante, que constitue uma especie de tambor formado de dois tampos ligados por uma trave ôca e circulare por uma serie de esteios radiantes juntos á parte superior do tubo do eixo. Toda a torre descança, por meio de um anel de cylindros, sobre uma chapa de ferro fundido presa á coberta.

No piso superior estão fixos os apoios da cobertura, que constam de duas traves longitudinaes, parallelas com as da grade, de uma argola sobre a circumferencia da torre e de esteios radiantes que ligam as traves e a argola. A propria cobertura é uma chapa de aço da grossura de 0, 53, a qual protege toda a parte superior da torre e tem uma unica canhoneira para a passagem da bocca de fogo. Em fim, na retaguarda acha-se collocada a guarita do chefe de peça, protegida de chapas 0, 13 e com um oculo na frente tambem protegido. Em pé, na plataforma da sua guarita o artilheiro tem ao alcance tudo quanto precisa para apontar em elevação e direcção.

Todas as manobras se effectuam com o auxilio da agua sob uma pressão de 80 atmospheras, fornecida por uma bomba a vapor que deita 3,40 lit. 50 por minuto e a qual, no caso de avaria, pode ser substituida por uma bomba de mão. O apparelho para distribuir a agua debaixo de pressão está collocado na plataforma, como o estão tambem as alavancas que fazem funccionar as valvulas resvaladoras e distribuidoras duplas ou singellas e deixam regular o effeito que se quer produzir.

A palamenta está ao alcance dos artilheiros e por conseguinte não é preciso transmittir ordens durante o fogo, porque cada um sabe os seus deveres e as funcções principaes que cabem ao chefe de peça.

Alem d'isso todos o postes da torre teem apparelhos de salvação, devido aos quaes se pode executar uma manobra só no momento preciso e quando d'ella não pode resultar desgraça alguma. E' este um dos caracteristicos que mais recommendam a nova torre maritima, e garante ao mesmo tempo a faculdade de carregar pelo tubo central, o que offerece grande facilidade na execução.

Na maioria dos outros systemas, com effeito, é preciso que a torre seja posta em uma posição definida afim de poder carregar-se, por causa da posição excentrica do poço em que funcciona o ascensor. D'isto resulta evidentemente uma grande perda de tempo que prejudica a rapidez do tiro. Na torre que acabamos de descrever, a peça, pelo contrario, fica na sua posição, prompta a fazer fogo, e o artilheiro, em qnanto se está carregando, só tem que occupar-se da pontaria, de modo que conserva o alvo sempre em linha com a bocca de fogo.

Concluindo diremos ainda que ás condicções especiaes da artilheria franceza, que a torna mais leve do que a allemã ou a ingleza, ha mais a attender a polvora especial fabricada pelos francezes que lhes permite um alcance egual, e muitas vezes superior á outra artilheria.

## A LYRA

A'cêrca da classificação d'este volatil não conseguiram ainda os naturalistas chegar a um accôrdo. Pelos habitos que tem approxima-se das gallinaceas, em cujo numero fôra comprehendido até que Cuvier o classificou entre as aves cantadoras, na ordem dos passaros. As Lyras habitam acasaladas, as florestas da Australia meridional.

O Museu de historia natural de Paris devia ter recebido em 1885, um casal de Lyras; a fêmea, porém, morreu na viagem da Australia para França, e por isso só o macho chegou ao seu destino. Por essa occasião suscitavam-se duvidas com respeito aos alimentos que se lhe deviam ministrar, e soube-se então que durante a viagem fôra alimentado exclusivamente de vermes e insectos, de que tinham trazido grande quantidade em terra e musgo. Approximava-se o inverno, e ninguem sabia como obter semelhante alimento. Em breve, porém, se verificou que o passaro acceitava gostosamente uma mistura de pão, carne, salada e sementes.

Tem gozado sempre a ave perfeita saude. De manhã, apenas accorda, põe-se a esgaravatar a terra com os pés, armados de unhas fortes e compridissimas. Revolve com vivacidade os torrões e as pedras, e logo que consegue apanhar alguns insectos, salta satisfeito para o poleiro, e trata então de se lavar e paramentar. E' muito meigo e nada tem de desconfiado. Gosta que o procurem e, longe de se espantar na presença do homem, approxima-se-lhe, remexendo a rerra com o bico, como se quizesse convidal-o a fazer o mesmo.

Um dos mais curiosos caracteristicos da Lyra é o talento da imitação que possue. A sua voz modula uma longa escala de tons, desde as notas mais baixas até ás mais agudas, e permitte-lhe imitar o canto do gallo, o grasno do pato, o grito do abstruz, etc., com facilidade e perfeição extraordinaria. Parece até, o que é realmente curioso, que se compraz em exhibir os seus talentos musicaes na presença dos espectadores. Traznos isto á memoria um facto interessante contado por Becker. Na provincia de Sipps, na vertente sul dos Alpes australianos havia uma officina de serração mechanica. Pois aos domingos, quando a officina não funccionava, ouviam-se ao longe na floresta, o ladrar de um cão, o rir de um homem, o canto de diversas aves, gritos de creanças, o cascalhar da serra, e todos estes ruidos, todos estes sons eram produzidos só por uma Lyra, que estabelecera o seu domicilio nas proximidades da officina.

Quando a lyra se enthusiasma, abre a cauda em leque, como o pavão. Esta cauda, de que lhe provém o nome, compõe-se de grandes pennas separadas entre si e emolduradas em duas outras em forma de S, com largas cercaduras cinzentas e acastanhadas que produzem um effeito lindissimo.

## INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

### IX

#### CREAÇÃO DO COLLEGIO MILITAR (1)

Foi pelas grandes reformas do exercito portuguez, em 1762-1764, executadas pelo Conde de Lippe, *(marechal Conde de Schauburg de Lippe)* que se crearam quatro regimentos de artilheria conjuntamente com quatro escolas de mathematica para seu estudo. Um d'esses regimentos, o de artilheria da côrte foi creado por alvará de 9 de abril de 1762.

Já a esse tempo existiam as academias de fortificação instituidas n'algumas provincias do reino pelo decreto de 20 de junho de 1701 para instrucção theorica militar, bem como a antiga *aula de fortificação e architectura militar* que havia sido fundada pelo cosmographo-mór do reino Luiz Serrão Pimentel n'uma das salas do palacio da Ribeira.

No reinado da Senhora D. Maria I foi creado, pelo decreto de 2 de janeiro de 1792, no palacio do Calhariz a *Academia Real de Fortificação e Dezenho*, dando-se por essa occasião grande impulso aos estudos theoricos militares. (2)

Precisava se porém, depois da instituição da real academia de fortificação e artilheria, de um instituto onde fossem educados os filhos dos officiaes do regimento de artilheria da côrte e onde elles se habilitassem na sua respectiva arma, e, n'esse sentido, o principe regente, D. João, determinou em 1802 que para esse fim se organisasse um collegio militar no sitio da Feitoria, proximo da torre de S. Julião da Barra, onde se achava aquartelado o dito regimento de artilheria.

Para director d'esse collegio foi nomeado Antonio da Fonseca Rebello, coronel do mesmo regimento.

Em 1814 os governadores do reino, pretendendo alargar a benefica esphera de acção do novo instituto d'ensino militar, determinaram que o collegio servisse não só para os filhos dos officiaes d'artilheria mas tambem aos dos outros officiaes superiores do exercito de terra e para os de marinha, ordenando, por portaria de 7 de janeiro que o numero de alumnos fosse de 100, isto é, 50 por conta do estado e 50 pagos pelos seus paes ou tutores.

Em 18 de maio de 1816 o rei D. João VI dando novo regulamento e estatutos ao collegio militar, elevou o numero dos alumnos a 200, dos quaes 100 por conta do estado.

O curso seria de dois annos e os que o acabassem sahiriam cadetes com a diaria de 400 reis para alimentos, podendo aquelles que quizessem seguir estudos ir completar o curso na Academia de Marinha e Fortificação.

Por essa occasião o collegio foi mudado do sitio da Feitoria para o edificio de Nossa Senhora da Luz, casa fundada em 1618 para hospital de pobres pelos freires da Ordem de Christo sob o

(1) Os outros artigos referem-se. 1.º ás Misericordias, 2.º Hospital de S. José, 3.º Asylos de Infancia, 4.º Collegio dos Nobres, real Academia de Marinha e Escola Polytechnica; 5.º Secretarias de Estado; 6.º Imprensa Nacional 7.º Correios; 8.º A censura dos livros e direcção superior das escolas d'ensino publico.

(2) Foi extincta esta academia em 12 de janeiro de 1837 creando se em seu logar a Escola do Exercito.

O regimento de artilheria de marinha, um dos 4 regimentos creados, tambem foi extincto em 1797 sendo substituido pela famosa *Brigada Real de Marinha* que tão adversa foi em 1829 ao governo de D. Miguel.

efficaz patrocinio da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel.

Oito annos depois — em 17 de Setembro de 1824 — um decreto do marquez de Palmella mandou incluir no numero dos alumnos do estado mais 25 pertencentes á marinha, em logar de 16 que ali havia.

Em 1830 pelo decreto de 29 de março, o conde de S. Lourenço ministro do governo de D. Miguel instituiu no edificio da Luz a *Escola Militar Veterinaria* que depois, em 8 de agosto de 1833 foi mudada para a calçada do Salitre, e por fim extincta pela lei de 16 de dezembro de 1852

A ordem do exercito de 18 de dezembro de 1834 estabeleceu que aos alumnos do collegio militar que houvessem completado com aproveitamento os estudos do mesmo collegio fosse abonada a gratificação de 400 reis diarios, devendo ser esses abonos considerados para todos os effeitos como aspirantes a officiaes.

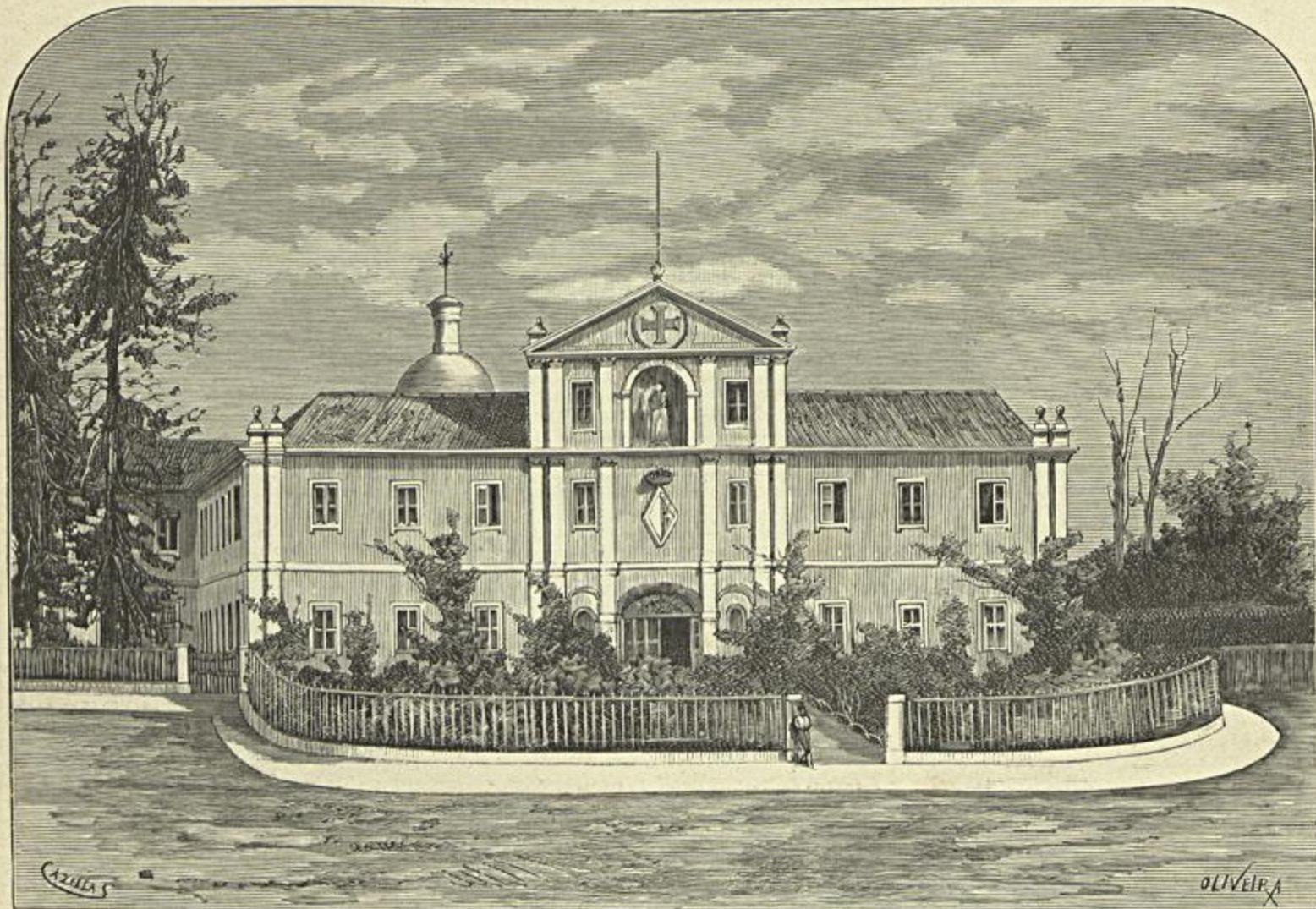
setembro de 1837, 24 de dezembro de 1839 e 20 de outubro de 1841 que fez extensiva aos filhos dos guardas-marinha e dos officiaes das guardas municipaes de Lisboa e Porto a admissão no collegio militar.

Em 1844, 1845 e 1847 deram-se ainda novas reorganisações como podem ver os estudiosos no excellente e bem elaborado livro do sr. José Ricardo da Costa Silva Antunes, tenente coronel de estado maior de infanteria : *Apontamentos para a historia da Escola do Exercito*, e no almanach do Exercito para 1855 do general Francisco Travassos Valdez, auctores que nos serviram de valioso auxilio para escrevermos o presente artigo.

Havia treze annos que o collegio militar permanecia no amplo e bem arejado edificio de Rilhafolles, quando, por decreto de 14 de novembro de 1848 referendado pelo duque de Saldanha e barão de Franco, foi mandado mudar para a vastissima e sumptuosa basilica de Mafra. (1)

mero de alumnos do estado, mas pela lei de 29 de julho de 1854 esse numero foi augmentado a 140.

Em 1858 foi o *Collegio de Mafra* (pois então se denominava entre o povo o Collegio Militar) de novo mandado passar para a Luz, mas em 1870, pelo governo de ditadura saldanhista, foi ordenado que ao Collegio Militar fosse incorporado o asylo dos filhos dos soldados, e que o collegio fosse transferido para Mafra. Dava-se como motivo a essa transferencia, possuir o edificio de Mafra mais amplas acommodações para os dois diversos ramos de estudos de que fallava o plano de 14 de junho, plano que veiu a ser revogado, por dispendioso, pela lei de 27 de dezembro do mesmo anno.

Finalmente em 1873 o Collegio Militar veiu pela terceira vez para a Luz, onde ainda hoje se conserva graças ás importantes modificações que se tem feito n'esse magnifico edificio.

COLLEGIO MILITAR, NA LUZ

(Desenho do natural por Cazellas)

Pela lei de 15 de abril de 1835 foi estatuido que o numero de alumnos pensionistas do estado subisse a 150 devendo ser 134 filhos de officiaes do exercito e 16 de marinha de guerra e quanto ao numero de pencionistas fosse indeterminado.

N'esse anno foi o collegio militar transferido da Luz para Rilhafolles ficando localisado no mosteiro dos padres das missões de S. Vicente de Paula, denominados *missionarios apostolicos*, casa fundada em 1717.

Ainda no mesmo anno se determinou, por decreto de 13 de outubro, que os estudos do collegio fossem divididos em dois cursos um de preparativos e outro de disciplinas militares, devendo comprehender quatro annos.

Pelo decreto de 12 de janeiro de 1837 o collegio militar teve nova organisação. Marcava esse decreto que nenhum alumno podesse alli permanecer depois de completar 17 annos de edade nem ser admittido antes dos 10 annos nem depois dos 12.

Diversas reformas se seguiram a estas em 12 de

Essa mudança, que foi bem recebida pela grande maioria das familias dos collegiaes, foi no entanto combatida por outras, que achavam serlhes demasiado longe para as suas visitas aos alumnos.

Aquella medida porem tinha dois fins uteis : o 1.º arredar os collegiaes das distracções que frequentes vezes lhes eram offerecidas pelas familias, podendo assim concentrarem se mais nos seus estados ; o 2.º destinar o edificio de Rilhafolles para hospital de alienados Quanto a este piedoso fim havia ainda a opinião que estava em melhores condições para esse uso o edificio da Luz, opinião que não prevaleceu por o convento da Luz se achar muito arredado da capital podendo occasionar graves transtornos á locomoção dos enfermos.

Por decreto de 1849 foi reduzido a 120 o nu-

(1) Já anteriormente havia estado estabelecido no convento de Mafra o collegio de estudos fundado pelo marquez de Pombal em 1772.

Os estudos que actualmente ali se cursam constam dos seguintes seis annos lectivos.

*1.º anno* Rudimentos de grammatica, portuguez, principios de historia e geographia, arithmetica systema metrico e desenho linear.

2.º *anno* : Portuguez, francez, colculo mental, quatro operações, calligraphia e desenho.

*3.º anno* : Portuguez ; francez ; latim e arithmetica pratica.

4.º *anno* Portuguez (oratoria, poetisa e litteraria.) latim, inglez, mathematica e desenho.

*5.º anno* : Geographia, chronologia e historia ; mathemathica, inglez, principios de physica e chimica desenho de figura e paysagem.

*6.º anno:* Geographia, chronologia, historia, mathematica, elementos de historia natural, philosophia, desenho de architectura, prespectiva e resolução de problemas elementares de geometria descriptiva.

Os alumnos completando o curso podem assentar praça no praso de 60 dias de cada anno

como primeiros sargentos aspirantes [1] com o vencimento de nove mil reis mensaes, podendo seguirem o curso que melhor lhes convier, ou de cavallaria e infanteria na Escola do Exercito ou de qualquer das armas especiaes na Escola Polytechnica

* * *

O edificio de Nossa Senhora da Luz, em Carnide, tem amplas accommodações para o fim a que foi destinado.

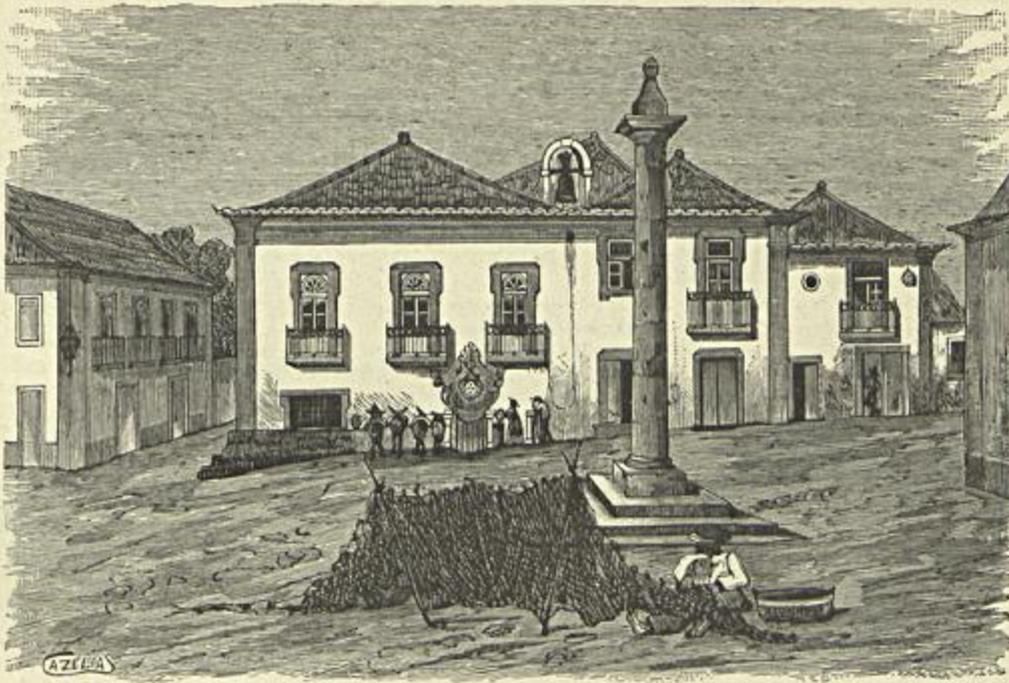
Compõe-se elle de duas grandes peças ou andares, um ao rez-do-chão tendo de altura 24 a 25 palmos, outro sobreposto, collocados ambos em de redor de um grande pateo lageado, de 100 palmos por banda rodeado de arcadas de aboboda firmadas em pilares de cantaria, abertas no pavimento inferior, e envidraçadas no pavimento superior.

Tem vasta cisterna com capacidade para 3:266 pipas de 510 litros, podendo fornecer agua para 1:612 pessoas a razão de cinco litros de liquido por dia para cada pessoa.

Na cerca, que é espaçosa, ha um grande poço com tanta abundancia d'agua que esta nunca chega a escassear, mesmo na estação calmosa.

O edificio é de forma quadrangular, tendo voltada para o norte a sua fachada principal.

A parte mais consideravel é de forma rectangular, com a face principal voltada para o sul. D'esse lado acham-se a cerca, com horta espaçosa e no meio da face a cozinha, que é amplissima tendo dois bellos depositos com agua encanada, e grande fogão de ferro.

[1] A classe dos *cadetes* foi extincta em 30 de novembro de 1832.

PELOURINHO DE CEZIMBRA

(Desenho do natural por Cazellas)

A lado oeste da cozinha estão a copa, a bibliotheca e o refeitorio formando assim um mixto salutar do alimento do corpo e alimento do espirito. O refeitorio é bastante extenso sustentado por fortes pilastras.

Ao leste da cosinha estão as repartições do quartel mestre, o gabinete de physica, os museus e a casa d'armas.

No pavimento nobre para onde se sóbe por uma dupla escada de pedra, acham-se localisadas as salas de estudo, aulas, secretaria, sala de visitas e outros gabinetes reservados. Nos flancos as quatro companhias do batalhão collegial, as camaratas, excellentes e vastas, com bastante luz e muito arejadas.

No tôpo de cada camarata um plano superior para os vigias.

A casa de banhos tem oito tinas de marmore com agua encanada e grandes banheiras para banhos de chuva

No centro do edificio existe a capella, onde os collegiaes ouvem missa e assistem aos mais officios divinos.

Não obstante as importantes modificações e uteis aperfeiçoamentos, que nos ultimos annos se tem feito n'este espaçoso edificio, elle não se presta tão cobalmente ao fim a que se destina como era para desejar.

É muito avultado o numero de alumnos que habitualmente ali fazem asua residencia escolar. As accomadações para elles vão-se tornando cada vez mais insufficientes apesar das excellentes condições hygienicas d'este bello edificio.

Não nos admira pois que em breves annos nós tenhamos que ver de novo o collegio militar transferido para Mafra ou para qualquer outro edificio que mais se porprocione a tão util fim e melhor esteja em hormonia com o notavel desenvolvimento que ultimamente tem adquirido este excellente instituto militar.

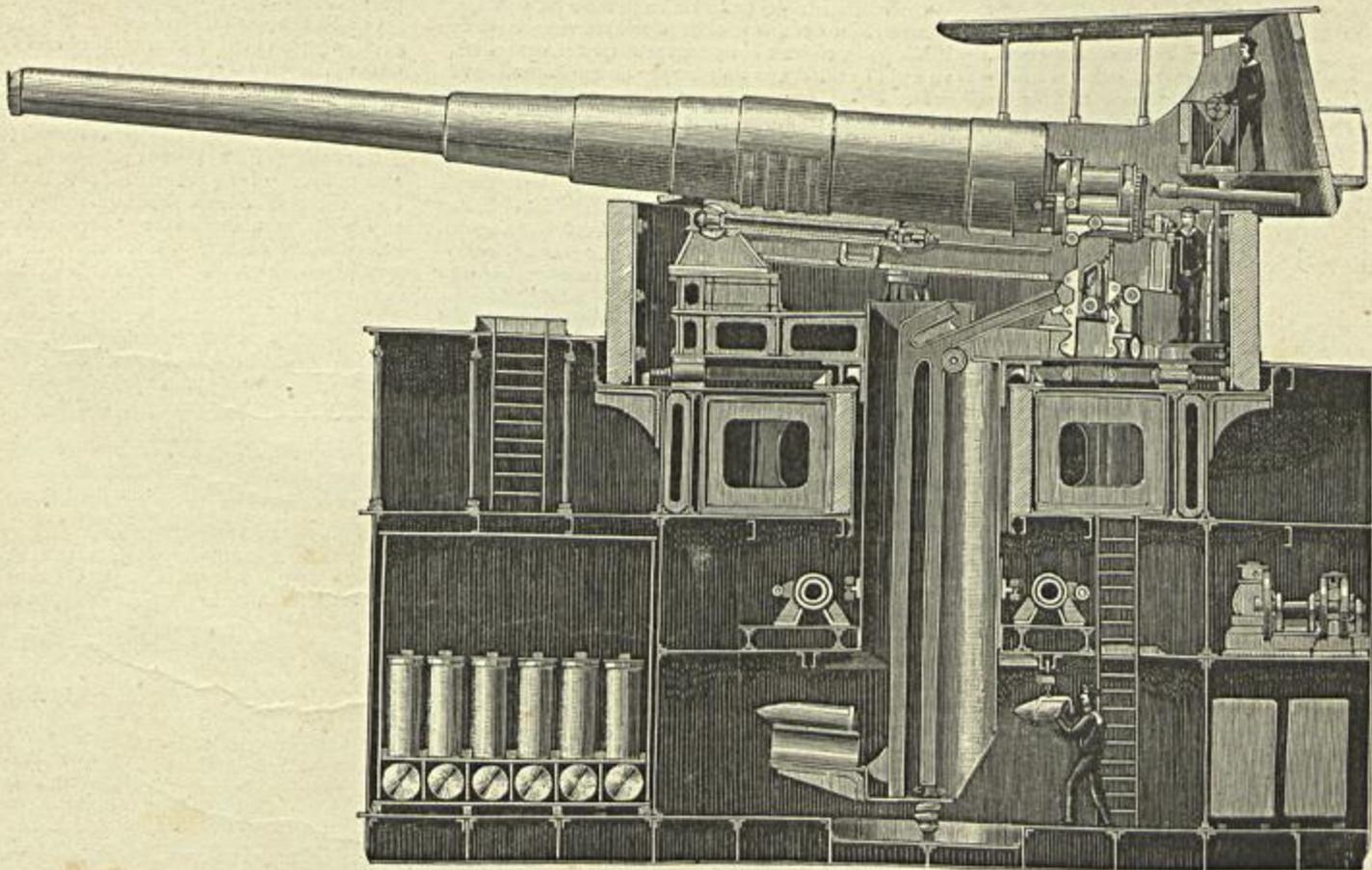
*Silva Pereira.*

## CONTOS DE HOJE

VIII

(AO POETA JOÃO JARA)

Na antiga Provença franceza houve um poeta chamado Gasbert, sincero e bom, que se apaixonou pela nobre dama Barassa...

Gasbert enlevado na radiante formosura de

A MODERNA ARTILHERIA FRANCEZA E TORRE A BARBETE DE «CANET»

Barassa não reparou que para agradar a uma mulher do seculo XIII não bastava ter talento, nem ser sincero e bom, era preciso mais, era preciso que todos o dissessem, que todos o soubessem, e Gasbert apenas começava então fazendo ouvir os seus harmoniosos versos n'uns grupos que não eram decerto aquelles em que a altiva Barassa se evidenciava.

Mas o amor não espera.

E como Gasbert alimentasse o seu canto com imagens poeticas, cheias da luz que lhe irradiava na mente a figura soberana da formosa mulher que se apossara do seu coração, a breve trecho as suas poesias calaram na alma do povo provençal tornando o poeta rapidamente conhecido.

Principalmente o seu poema *As alegrias do coração* foi cantado em todo o condado de Tolosa e as auras da fama em breve bafejaram o nome do auctor. Finalmente já os nobres e grandes senhores se honravam de o terem em sua casa. De facto, os melhores versos d'este poeta do sul da França eram aquelles que se baseavam no malogrado amor pela orgulhosa Barassa.

Uma vez, a poderosa dama concedeu que lhe fosse apresentado o arrojado trovador que para tam alto olhara.

E Gasbert apesar de joven, boa presença e olhar ousado, sentia-se tam acanhado, e timido junto da sua amada senhora que esta quasi se convencera de que a fama e applausos com que os provençaes o laureavam apenas eram uma prova da ignorancia d'estes.

A encantadora Barassa repellia desdenhosa o amor de Gasbert dizendo-lhe:

—Ai! Gasbert, meu bom poeta, sinto-me velha para um amor tam novo como o seu, veio tarde meu amigo, morri para o mundo sem ter gozado o que n'elle ha de bom, grande e santo, posso dizer que morri sem ter vivido, e para lhe provar que não sou orgulhosa, poderia consentir em ser sua esposa, mas como apesar dos seus versos nós vivemos n'um mundo que não tem nada de ideal, precisamos tambem de condescender com elle,— e portanto ganhe as esporas de ouro porque só posso ser a esposa de um cavalleiro.

Pobre Gasbert!... Não via que ali a cabeça dominava o coração; era até mesmo a mulher sobrepondo-se á christã; era a *poze* (que a havia já no seculo XIII) a impôr-se á alma que é cheia de bençãos e de encantos, de doçura como só tem a mulher quando o aspide da vaidade ou da lisonja não a fere.

O leal amante de Barassa acreditou no canto da sereia e foi a combater no norte os inglezes da Normandia. Ali, em luctas singulares substituiu o bucolico alaude pela guerreira acha d'armas, e pareceu na sua potente imaginação, que todas aquellas grandes multidões de homens cobertos de ferro e aço, movendo-se em fluxo e refluxo, não defendiam um principio religioso ou politico, — para elle, estas massas armadas eram o unico obstaculo á conquista das suas esporas d'ouro, ao amor de Barassa. Como não succumbio logrou apresentar-se uma bella manhã de maio sob o balcão de marmore do palacio em que o esperava rendida a nobre castellã, senhora do seu coração, ao passo que o poeta tornado cavalleiro fazia caracolar o seu soberbo cavallo peninsular contorcendo-o subjugado pelas, finalmente suas, esporas de ouro!

Consorciou-se pois honrando a sua palavra, a altiva Barassa, com o dom cavalleiro Gasbert que, como o nosso poeta, tinha tanto *o braço ás armas feito como a mente ás musas dada*.

Devia aqui acabar o romance, porém eu infelizmente não escrevo um romance.

A historia da Provença do seculo XIII falla bastante alto do desditoso bardo Gasbert e completa-nos o typo da seductora fidalga por forma que deve ficar para sempre de exemplo aos Gasbert vindouros que se apaixonam pelas Barassas que fazem vida dos orgulhos poderosos de injustiças.

* * *

Imperiosas razões fizeram partir o honrado Gasbert para Hespanha, e á doce e amada Barassa parecia que lhe levavam a vida quando o seu apaixonado poeta para ali partiu.

Porem tempo depois... A gentil castellã, longe do bom e leal Gasbert, não soube entreter seus ocios vencendo a nostalgia do amor senão acceitando a côrte do primeiro fidalgo que a requestou. Era este um cavalleiro normando. *Deixou-se raptar* por elle que a levou para Arles. O bom do normando, depois de farto de realisar n'ella quantas exigencias quiz, superiores ás que Barassa impozera ao honrado e bom Gasbert, já esta lhe não servia, estava saciado, deitou-a á rua;—e tam a seu bel-prazer o fez que a altiva Barassa não teve para viver mais do que a sua propria belleza, aquelle formoso corpo que o talento enorme de Gasbert tanto cantara respeitando-o! Para remate do aviltamento completo da insensata Barassa é em um alcouce dos que albergam a ultima infamia da mulher que aquelle que tanto a honrara, a quem ella correspondera infamando-o,—é n'um bordel, que o leal Gasbert a encontra!

Que horrorosos tormentos não soffreriam aquelles dois corações no lance do encontro! Como aquella mulher se não arrependeria de não ter amado, sincera e dignamente o que deshonrara, deshonrando-se tambem a si. A triste vaidade fôra a causa de tudo.

A dama Barassa recolheu-se ao convento de Avignon e lá, entre cilicios e tormentos sem fim, espiava a sua leviana soberbia.

Gasbert que ficára assombrado como só o raio poderia fazel-o, sentio no cerebro a innundação da loucura; e aquella intelligencia tão clara e tão brilhante offuscava-se, e para sempre, nas trevas do cerebro de um doido.

Abandonado do amor de Barassa que era a sua vida, e que a honra agora lhe não permittia acceitar; foi, hora a hora e dia a dia, derramando lagrima a lagrima todo o seu infortunio...

E assim morreu, em 1263 no mosteiro de Pignan o pranteado auctor de *Las bausias d'amour*.

*Manoel Barradas.*

## A COMEDIA DA VIDA

### O ROMANCE D'UM AMANUENSE

### XXV

E a Emilinhas leu:

Senhor Barradas

É talvez desusado o passo que eu vou dar n'esta carta e pode ser que muitas donzellas na minha situação hesitassem em dal-o, sobre tudo para um mancebo que se tem mantido n'uma reserva tão pouco amorosa e franca qual Vossa Senhoria, cujo mancebo é, n'ella se tem mantido.

Todavia eu dou esse passo sem hesitar porque sinto pulsar cada vez mais forte o meu coração por V. S.ª e cá dentro uma voz mysteriosa que me grita no fundo do peito aos ouvidos da alma:

—Elle ama-te apesar de tudo, elle corresponde ao teu affecto!

Corresponde de facto na realidade da vida?

Amará-me como me diz a minha voz surda?

Vossa senhoria o dirá depois de ler esta missiva cuja lhe escrevo ao romper da madrugada sem poder conciliar o somno nas hesitações das duvidas da incerteza que me torturam o coração todo cheio da doce imagem do retrato de Vossa Senhoria.

Não poderei ser breve, como o desejava, porque sinto cá dentro muitas coisas, que preciso deitar para fóra e já que dou o passo, por ventura errado, de me dirigir sem mais nem mais a Vossa Senhoria, apesar de Vossa Senhoria ter deixado sem resposta satisfatoria ou não satisfatoria todas as epistolas, que desde o dia em que tive a ventura ineffavel de o encontrar á noute na Praça da Alegria, em casa dos Leitões, me tenho dignado escrever-lhe na perspectiva frustrada d'uma replica que não vem, já que dou esse passo dizia eu, cujo passo pode ser que muita gente o leve a mal, quero dizer-lhe tudo que tenho para lhe dizer, quero despejar tudo que tenho cá dentro do coração, cujo coração repito está todo cheio da doce imagem do retrato de Vossa Senhoria.

Senhor Barradas eu amo-o, e amo-o ja ha muito tempo, desde a primeira vez que os meus olhos se encontraram com os seus no dia dos annos do senhor Pereira, dia em que Vossa Senhoria frigiu ovos á noite dentro do chapeu alto do primo Ezequiel.

Vossa Senhoria n'essa noite não se dignou prestar-me attenção, talvez porque me visse muito entretida a fallar com o Dominguinhos, imaginando quiçá que eu lhe acceitava a côrte que elle me queria fazer.

Se imaginou isso imaginou muito mal porque o que me faltava era acceitar a côrte áquelle creançola, áquelle fedelho que ainda anda nos estudos, e se n'essa noite lh'a acceitei foi porque era o anniversario natalicio do pae e eu estava em casa d'elle.

Depois elle, coitado! apaixonou-se por mim e perseguiu-me com os seus galanteios, mas eu fui-lhe dando de mão sempre, porque dentro do meu coração já reinava sulapado o meu amor por Vossa Senhoria, até que na noite do fogo de vistas em casa dos Leitões lhe dei de mão por uma vez no momento ineffavel em que V. S.ª me veio tirar para par d'aquella contradança, que foi para mim a porta do paraizo a abrir-se.

N'essa contradança declarou-me Vossa Senhoria em palavras eloquentes e que bem se via que eram sinceras, o affecto expontaneo que me consagrava e eu acolhi essas palavras com o tom reservado com que uma donzella que se preza deve sempre ouvir a primeira declaração d'um mancebo que a ama.

E depois da dança Vossa Senhoria continuou na mesma e toda essa noite foi para mim um dia de felicidade, de ineffavel ventura como eu não imaginava que podesse haver no mundo.

E quando vim para casa não cabia em mim de contente.

Dizia comigo: «Elle ama-me! Eu amo e sou amada!»

Que mais pode ambicionar uma mulher que sente no coração a sagrada chamma do amor?

Mais nada, e foi isso mesmo que eu ambicionei.

No dia immediato porem, apesar da promessa que Vossa Senhoria me havia feito de passar pela minha rua quando sáhisse do escriptorio, das quatro para as cinco, não tive a dita aprazivel de o ver.

Ao principio ainda procurei illudir-me e disse comigo mesma.

«Naturalmente sahiu do escriptorio fraquinho, foi a casa jantar e depois é que vem.»

E esperei!

Como estava já jantada e prompta, porque n'esse dia pedi á Genoveva, que é muito minha amiga, que fizesse o jantar mais depressa, que o aviasse para mais cedo para eu ter a tarde livre para ver Vossa Senhoria, esperei o a janella até á noite fechada, mas esperei-o em vão como aquelle poeta de que V. S.ª recita com tanta graça a triste vida e enganosas esperanças que a mulher amada lhe dera n'um sorriso, lembra-se?

Ah! eu lembro-me tanto d'essa linda poesia que nunca a posso esquecer. Sei-a até de cór.

> Deram-lhe esperanças n'um sorriso esperou
> Julgou-se amado, mas esperou em vão,
> Porque o sorriso que d'amor julgára
> Era um sorriso d'infernal traição.

Não se escandalise comigo, peço-lhe porque nem por sombras me passa pela cabeça a idea que seja de infernal traição o sorriso que V. S.ª me deu na casa dos Leitões, mas o que é certo é que a esperança que me deu de o ver não se realisa e que eu esperei-o em vão, porque V. S.ª não compareceu.

N'essa mesma noite angustiada e triste pela sua não comparencia escrevi uma epistola a V. S.ª cuja epistola não teve a dita de merecer de V. S.ª uma insignificante resposta.

Depois escrevi-lhe outra, e outra e sempre o mesmo silencio lugubre por unica resposta.

Escandalisei-me muito, porque tomei como fementidas as ternas palavras de V. S.ª em casa dos Leitões, mas depois quando soube o motivo do seu silencio a escandola passou para dar logar á afflicção, á afflicção de saber V. S.ª mettido em trabalhos serios, que podiam ter desastrosas consequencias tanto mais funestas quanto dependia d'ellas não só a vida de V. S.ª mas o meu futuro.

E quando soube isso vivi uns dias em transes angustiosos, bem crueis, transes de que V. S.ª teve as provas nos passos que eu dei para o livrar das garras do assassino, e nas cartas que eu lhe escrevi.

E a minha afflicção era ainda maior porque sabia ser eu a causa fundamental de todos esses trabalhos em que V. S.ª se achava mettido, porquanto o motivo que encarniçava o Dominguinhos contra V. S.ª era eu, embora elle não o dissesse e procurasse outros pretextos para explicar o motivo porque queria arrancar a sua preciosa vida.

O motivo era eu; e elle não podia perdoar a V. S.ª o tel o supplantado dentro do meu coração e por isso para se vingar queria dar cabo da pelle de V. S.ª.

Felizmente tudo acabou em bem, e elle vendo que com V. S.ª não tirava a melhor, porque V. S.ª com uma coragem inaudita negou-se sempre a prestar-se aos seus malvados intentos appellou então para a generosidade estendendo-lhe a mão amiga e vendo que não podia matal o physicamente a V. S.ª tentou então matar-me moralmente a mim, casando com aquella delambida da Ignacinha que tapada como é está muito contente por casar, não percebendo, a toleirona, que não passa de um instrumento de vingança mesquinha nas mãos d'esse homem sem escrupulos e sem intel-

ligencia, porque para pensar que eu me importo alguma cousa com elle e que me ralo por vel-o casar com outra é preciso ser absolutamente destituido de intelligencia.

Ora para provar a esse homem, a esse fedelho, que não me importo nada com elle, que é muito outro o homem que eu amo, e que o seu casamento com a Ignacia me deixa absolutamente indifferente que eu me dirijo a si fazendo-lhe muito simplesmente esta pergunta:

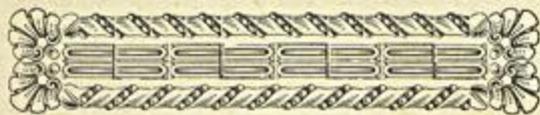
—Ama-me?

Eu amo-o ardentemente, apaixonadamente, como jámais peito humano amou, e se Vossa Senhoria me corresponde com egual affecto podemos ser as creaturas mais felizes do mundo. Se corresponde ao meu sentimento, se sente por mim egual affecto venha pedir, a minha mãe a minha mão que a citada mão aqui está ás suas ordens, esperando com delicias o momento ineffavel de apertar a sua envolta na estola da religião christã para lhe dizer é tua para sempre meu Joaquim, a sempre tua

Alice

P. S. Espero do seu cavalheirismo que não mostre a ninguem esta missiva epistolar onde eu despejei sinceramente tudo que tinha dentro de mim, e que seja qual fôr a resposta se dignara dar-m'a o mais breve possivel para pôr termo á anciedade indiscriptivel que me devora.

(Continúa)

*Gervasio Lobato.*

## REVISTA POLITICA

Estamos ainda sem governo, n'uma calmaria politica que tanto pode redondar em brisa suave e fresca que acalme o calor das paixões, como ser a precursora de medonha borrasca, d'um temporal desfeito em que se arreiem mastareus e se piquem as amarras da nau do estado indo todos parar não sabemos para onde, sem leme nem porto de salvação.

Na variada imprensa politica mal se alinhavam alguns artigos de fundo, ôcos, sem pezo, em que nem sequer se esboça uma idéa salvadora, e antes se mostra uma tendencia para a resignação em algumas folhas.

Tudo na espectativa da incognita, fiando aos deuses e aos manes a solução do intrincado problema de acceitar ou não o famigerado tratado anglo-luzo.

Varias as supposições que se fazem sobre a politica que o governo que vier seguirá. Será regenerador? Será progressista? Será cosmopolita? Será amphio? De concentração? De conciliação? Patriota? ! ! pergunta-se por fim.

E todas estas perguntas pacificas, bonacheironas se fazem tres dias depois da grande agitação em que parecia ter acordado o paiz.

Quem será o melhor empenho para este ou para aquelle ministro, que já se aponta para formar o novo gabinete, pensará algum *patriota* que ainda não tenha o seu logarsinho á mesa do orçamento, ou que aspire a mais alturas.

E entretanto parece-nos que os que acirraram os odios contra o tratado, os que fizeram vêr effectivamente ao povo os males d'esse tratado e fizeram soar a corda do patriotismo, apertaram de mais a escaravelha para que depois possam abafar o som sem perigo da corda partir.

Tem estes inconvenientes o contra-scenar demais com a comparsaria e pode acontecer que na confusão da scena os comparsas tomem o logar dos actores e não haja contra regra que os accommode no seu posto. Ora, o contra-regra aqui será o futuro governo e para não faltar tudo já chegou o sr. Martens Ferrão, que, para vir salvar a patria é preciso confessar que não se apressou muito.

O que valle é por cá já terem officiosamente preparado trabalho por conta de sua excellencia, de modo que o futuro presidente do conselho em vez de ter que procurar sete homens, tantos como alfayates .. para formar o novo gabinete, já encontra tantos candidatos como pertendentes a amanuenses, onde poderá respigar á vontade os que mais lhe convierem.

Só estamos para ver uma coisa e é: se afinal nem o sr. Martens Ferrão acceita a pasta nem encontra com quem formar o ministerio.

E o caso de dizer, «pouco hade viver quem não vir», e muitas outras coisas não quizeramos nós ver e no entanto ellas vão estando bem em evidencia.

Desejavamos poder dar ao leitor mais algumas novas sobre a solução da crise, mas á hora a que escrevemos, só lhe podiamos contar alguma das novellas que para ahi correm.

Um facto que não deixa de prender-se com a situação politica que atravessamos, surprehendeu muito desagradavelmente a população de Lisboa n'um dia da ultima semana. Foi uma corrida ao Montepio Geral, instigada por um impresso anonymo, em que se avisavam os depositantes da caixa economica a que fossem levantar os seus depositos, se não queriam ver o seu dinheiro mettido em aventuras de emprestimos ao Estado.

Isto era duplamente torpe e canalha porque lançava o descredito em duas instituições ao mesmo tempo, o Estado e o Montepio.

O Estado, que precisava de dez mil contos encontrou, só em Lisboa, doze mil contos e o Montepio Geral fartou de dinheiro quantos lá foram retirar o que tinham, e depois de ter pago durante dois dias cerca de quinhentos contos de pequenos depositos, ao terceiro dia já não havia quem quizesse de la retirar vintem e antes o ia depositar.

De resto completa calmaria, mas por que estamos em calmaria politica para os effeitos das responsabilidades governativas, nem por isso o estamos para os effeitos do que o governo demissionario chama expediente, e n'estes dias calmos que vão deslisando sob este céo dourado, o mesmo governo demissionario vae semeando prodigamente a daninha planta do deficit que breve rebentará desabrochada em auriferas flores de subido valor.

Não podemos, pois, acusar de ociosos tão prestantes trabalhadores, quando tão bem empregam os ultimos momentos da sua lavra fecundando a terra ingrata que os hade comer.

Passam de mil os despachos assignados n'estes ultimos dez dias pelo governo demissionario, provendo quantas vagas ainda possiveis havia nos serviços publicos e creando novos logares, inventando emfim todos os meios de bem empregar as sobras dos rendimentos do Estado, para que ellas se não accumulem como em arca de uzurario sem aproveitarem a ninguem

Uma farta meze com que todos devem ficar satisfeitos, pois o contrario seria demasiada exigencia.

Evidentemente nas actuaes circumstancias, o que o paiz mais precisa, é de engrossar as fileiras da barocracia official.

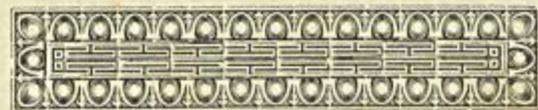
O que a qualquer governo cumpre para defender e fazer respeitar a nação é criar novas repartições em casas alugadas e solidamente restauradas por conta da mesma nação.

O que mais opportuno se torna é pensar em levantar monumentos e destinar verbas para elles.

A necessidade mais instante é transformar velhas edificações abandonadas por inuteis em habitações princepescas despendendo n'ellas centenas de contos.

E depois de satisfeitas todas estas necessidades instantes da publica administração e da boa politica interna e externa, attender a uma outra necessidade imediata e consequente:

Construir um grande hospital de doidos para abrigo d'esta familia portugueza.

*João Verdades.*

## RESENHA NOTICIOSA

Edeficio da Associação Commercial do Porto — N'uma correspondencia do Porto para um nosso collega de Lisboa, encontramos a seguinte noticia, que gostasamente trancrevemos, por ser em extremo honrosa para a arte nacional.

«O grandioso edificio da Associação Commercial do Porto, que, apesar de todas as suas opulencias, não possuia uma verdadeira obra de arte, a não serem os bustos cinzelados pelo fallecido esculptor Soares dos Reis, acaba de enriquecer-se com um trabalho de elevado valor artistico, que d'ora ávante poderá ser mostrado com orgulho aos vsitantes d'aquelle palacio.

Referimo-nos á decoração do denominado «Gabinete da presidencia», contiguo á sala de reunião das direcções.

A direcção da Associação Commercial, com muito acerto, encarregou a parte pictoral d'essa decoração ao talentoso artista e professor da Academia Portuense de Bellas-Artes, o sr. Marques de Oliveira, e a estas horas deve ter-se dado os parabens, como era de prevêr, pela excellente escolha que fez d'aquelle pintor para obra tão delicada.

O gabinete de que se trata é em estylo Renascença, predominando em todo elle um tom escuro, quente com ornatos dourados e prateados, o que tudo se harmonisa e faz sobresahir a pintura. Esta, compõe-se de um retrato, de cinco *panneaux* e de um tecto.

Na parede, do lado esquerdo da entrada, sobresahe, por sobre o fogão, o retrato do digno presidente, o sr. barão de Massarelles, retrato de uma semelhança e vida surprehendentes.

Do lado direito do fogão, o primeiro *ponneau* representa a industria dos tecidos. São duas graciosas figuras de mulher, uma tecendo em um tear primitivo; e outra, sentada, fiando lã, cujos novellos se vêem em um cabaz que está junto d'ella. O do lado esquerdo representa a industria do ferro, e compõe-se de tres figuras de homem. Um d'elles, o do primeiro plano, sentado junto da bigorna, bate um ferro em braza; em frente, outro artifice, de pé, sustenta nas mãos um malho, e ao fundo, outro ateia o fogo da fornalha, por meio do folle.

Na parede immediata, na qual se abre uma porta de communicação para a outra sala, ha outros dois *panneaux* de maiores dimensões. O do lado direito representa a construcção naval e a pesca. Tres calafates occupam-se na construcção de um barco. Um d'elles ajoelhado, curva-se sobre um pau, que mede com um compasso; outro serra um pedaço de madeira, e o terceiro de pé, junto do barco, préga uma tabua no costado. Ao longe, no ultimo plano, dois pescadores arrastam uma rêde submersa no mar.

O do lado esquerdo representa o Commercio. São quatro as figuras: um servo amarra um fardo que está na praia; e de pé, o negociante, recebe do comprador, ao qual se encosta uma mulher, o preço da mercadoria vendida.

A parede fronteira é toda occupada pelo maior *panneau*, que representa a Agricultura.

Em um vasto campo, dois bois pucham um arado, que é guiado pelo lavrador, rasgando a terra o respectivo ferro, que vae abrindo os sulcos para a sementeira.

Ao longe, uma mulher espalha as sementes pelo terreno já arado.

Finalmente, o tecto compõe-se de uma allegoria que se póde traduzir do modo seguinte:

A Paz e o Commercio, congraçando-se com a Agricultura e a Industria.

No alto de um portico, a figura da Paz, sentada, tendo aos pés o leão dormente, estende um ramo de oliveira.

Em baixo, Mercurio, symbolisando o Commercio, e uma outra figura representando a Agricultura.

N'um dos degraus do portico, um genio, sentado, exhibe uma taboa em que se lê a legenda *Pax e labor*.

Eis as concepções geraes das pinturas. Agora, quanto á execução, póde ella considerar-se de um elevado merecimento. Entre nós não é muito conhecido este genero de pintura, em que á suavidade da côr se deve reunir o conjuncto verdadeiramente decorativo, fazendo avultar as figuras e os accessorios em uma simplicidade magestosa e impressionavel.

Inspirando-se nos mais modernos processos do genero, o sr. Marques de Oliveira houve-se com uma consciencia e uma distincção dignas dos maiores applausos.

As figuras são de um desenho correctissimo, destacando-se n'ellas a musculatura vigorosa ou macia, como convém a cada um dos personagens de cada episodio. Naturalissimas as attitudes e a expressão, todas estas composições se destacam pela harmonia e belleza do conjunto, em que o artista se patenteia de uma rigorosa intenção classica. As roupagens, dispostas na sua graciosa simplicidade de linhas, adaptam se perfeitamente ás figuras; a paizagem é vasta e serena, o que duplica a sua grandiosidade; finalmente a prespectiva é justa e as proporções bem guardadas.

No tom geral predomina como que esse aspecto de tecido que é o caracteristico das pinturas do genero, e o artista, inspirando-se, sobretudo, nas magnificas decorações de Puvis de Chavanne, que se admiram no Phanteon, de Paris, mas fugindo um tanto aos exaggeros d'aquelles collossos da arte, conseguiu dar á sua obra um grande merito que ninguem ousará contestar-lhe.

No seu genero é a obra mais importante que o Porto hoje possue, e se isso honra sobremodo o seu illustre auctor, não menos ennobrece a corporação que lh'a encommendou.

Agora, que a primeira tentativa foi coroada do exito mais completo, é de esperar que a digna direcção da Associação Commercial não trepide no caminho que encetou, de enriquecer o seu edificio com verdadeiros primores de arte, que

são, como todos sabem, o verdadeiro enlêvo do visitante illustrado.

Por ultimo tambem referiremos que o pintor decorodor o sr. Silvestre Silvestri, se houve com pericia em umas pequenas decorações a ouro e a côres que executou em uns cantos do gabinete algumas d'ellas encimadas pelo brazão nacional.

Pelo que acabamos de referir, comprehende-se que o gabinete da presidencia, no palacio da Bolsa, é actualmente uma das maiores bellezas d'aquelle edificio.»

Escola Industrial de Leiria. Foi nomeado director d'esta oscola o professor de dezenho da mesma, o nosso prezado amigo o sr. João Ribeiro Christino da Silva, que tem sido de uma dedicação no desempenho das funcções do seu cargo, acima de todo o elogio. Os nossos parabens.

Companhia União do Commercio do Estado de S. Paulo. Recebemos do Brazil a noticia da fundação de uma companhia sob o titulo acima, e que se destina a auxiliar as transações commerciaes tanto nacionaes como internacionaes, o que nos parece de grande vantagem para o nosso mercado.

A Companhia compra e vende por conta propria todos os generos e manufacturas nacionaes ou estrangeiras, que julgar conveniente aos seus interesses.

Compra e vende por conta de terceiros qualquer genero ou artigo que lhe seja commissionado.

Abre contas correntes de movimento.

Faz adiantamentos sobre o valor real das mercadorias que lhes forem consignadas, quando estas não forem sujeitas a deterioração.

Faz operações de *Del Credere*.

Encarrega-se por commissão da liquidação de heranças, cumprimento de ordens e levantamento de capitaes.

O capital d'esta companhia é de contos 1.000:000$000 e sua sede na cidade de S. Paulo.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Os Assassinos da Beira**, *novos apontamentos para a Historia Contemporanea*, por Joaquim Martins de Carvalho, redactor do Conimbricense. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896. 1 vol. in-8.º de 359 paginas. Por nos chegar tarde ás mãos este livro, nem por isso deixaremos de o annunciar aos nossos leitores ou de lh'o lembrar, se d'elle já tiverem tido noticia, mas o não tiverem lido.

Val bem a pena lêr os *Assassinos da Beira* para saber sobre que estrume vegetou e floriu a arvore da liberdade plantada em 1833 no nosso paiz e como aos abusos e propotencias do governo absoluto succederam os abusos e corrupção do governo liberal.

Como os famosos bandidos que infestavam as provincias e chegavam já até á capital, foram aproveitados para as luctas eleitoraes do systema representativo.

É que se pode lêr no livro do sr. Martins de Carvalho, atravez dos enormes crimes praticados pelos assassinos da Beira, livro escripto em linguagem corrente e franca como o de todos os escriptos do auctor, verdadeiro liberal e patriota, que está sempre na brecha a pugnar pelas regalias populares.

**Gazeta dos Caminhos de Ferro** *de Portugal e Hespanha* etc, proprietario e director L. de Mendonça e Costa, engenheiro consultor. C. Xavier Cordeiro. Lisboa. N.º 66 d'esta excellente publicação, unica no seu genero em Portugal.

**O Augmento do Preço do Pão** *relatorio e documentos apresentados em sessão de 29 de agosto de 1890 da Commissão Administrativa do Municipio de Lisboa* pelo vogal A. J. Simões de Almeida, publicado pela Camara Municipal de Lisboa. Um folheto de 49 pag.as em que se dá conta minuciosa do que se passou com respeito á questão do augmento do preço do pão, e das medidas tomadas para combater as pretenções dos padeiros de Lisboa.

A LYRA

**Revista do Foro Portuguez** redactor, barão de Paço-Vieira. (Alfredo) etc. n.º 15 do anno V d'esta excellente revista que se publica no Porto.

**Representação-Protesto das Associações.** — *Commercial de Logistas de Lisboa, Empregados do Commercio e Industria, Empregados no Commercio de Lisboa, Atheneu Commercial, Emprezarios de Açougues de Lisboa, Industrial de Logistas de Calçado, dos Alfayates de Lisboa e de Soccorros Mutuos Lisbonense, contra o tratado Anglo-Portuguez de 20 de Agosto de 1890.* Typographia da Papelaria Industrial, Lisboa. Este protesto foi apresentado ao parlamento por uma deputação das classes acima mencionadas, e é um brado inergico em defeza da intigridade da patria e dos interesses do commercio portuguez.

**O Tabaco e o Alcool.** *estudo medico, economico e juridico (Anthropologia e educação)* por M. V. de Armelim Junior, formado em direito pela universidade de Coimbra etc. Lisboa, Typographia Universal, 1890. Um vol. de 251 pag.as in-8.º Este livro, um verdadeiro estudo sobre a perneciosa influencia do uso e abuso do tabaco e do alcool nas sociedades, é mais um brado contra estes nefastos vicios, que tanto prejadicam a humanidade, fundado em dados estatisticos e scientificos irrefutaveis, mas como se diz no prefacio d'este livro: «Como os homens não se cansam do vicio, ha mister não deixar de censurar-lh'o.»

**Contos de Carmen Sylva**, versão de Cruzeiro Seixas. I *Degelo*. II *Os Cabellos de Marietta*. III *As almas do outro mundo*. Um volume de cerca de 199 paginas in-8.º da Bibliotheca Romantica Economica, Alcino Aranha & C.ª, editores, Porto.

São tres os contos que este volume contem, devidos a Carmen Sylva, pseudonimo de uma illustre escriptora, uma princeza, a rainha Elisabeth de Wied, da Romania, escriptora que tem conseguido levar o seu nome a todos os mercados litterarios, fazendo-se apreciar em todo o mundo culto pela originalidade dos seus contos, verdadeiros primores da arte.

**Revista Archiologica** *estudos* e *notas* publicados sob a direcção de A. C. Borges de Figueiredo, etc. Volume 4.º, n.º 8, agosto de 1890. Lisboa. Summario: As estatuas romanas da quinta da Amoreira da Torre, proximo de Montemór-o-Novo, por G. Pereira; Inscripções em versos leoninos de Portugal, por Figueiredo; o painel da Mizericordia, por Brito; Inventario dos objectos de arte e de archeologia em Portugal, por G. Pereira; Bibliographia.

**Os Fusilados da Povoa.** *protesto* por B. Martins. Porto, Typ. da Empreza Litteraria e Typographica, 1890. Um poemeto em 20 paginas que o auctor dedica ao sr. Francisco Gomes de Amorim, e em que verbera em verso as arbitreridades comettidas pelo fisco sobre uns pobres pescadores na Povoa de Varzim fusilados pelas balas da guarda fiscal.

**A Arte Musical**, *revista quinzenal, Musica, Litteratura, Theatros e Bellas Artes*, director litterario, João de Mello Barreto, etc. proprietarios, Matta Junior & Rodrigues. Lisboa. N.º 1 do primeiro anno.

É mais um novo collega que vem dedicar-se muito especialmente a assumptos musicaes e a theatros, e cujo o primeiro numero publicado é um excellente specimen do genero.

**Tratado Anglo-Luso.** *representação á Camara dos Senhores Deputados da Nação Portugueza, approvada em assembléa geral de 13 de setembro de 1890 da Associação Commercial de Lisboa*. Typographia Netto. Lisboa. Um bem elaborado protesto em que a Associação Commercial de Lisboa, faz sentir os prejuizos que o tratado vem acarretar ao commercio portuguez em Africa. Esta representação já foi apresentada ao parlamento.

**Camara Municipal de Lisboa.** *Relatorio acerca do orçameoto supplementar para o anno de 1890 apresentado em sessão de 5 de setembro de 1890, da commissão administrativa do municipio de Lisboa*, pelo vogal A. J. Simões de Almeida.

O relatorio conclue por estas palavras, que mostram a situação pouco animadora das finanças municipaes:

«Em conclusão, a nossa situação ainda que desaffogada dos compromissos do momento, não pode deixar de merecer seria attenção, e todo o cuidado se deverá empregar para que só se effectuem despezas que de modo algum se possam addiar, ou aquellas d'onde resultem melhoramentos publicos de incontestavel vantagem, pois só assim se poderá attingir o termo da nossa administração, sem que seja necessario recorrer a outro orçamento supplementar.»


**Capas para encadernação do «Occidente»**

Conforme os mais annos esta Empreza fornece capas especiaes, em percaline com ornatos a ouro fino, para encadernação dos volumes do Occidente.

Ha capas para todos os volumes desde o volume de 1878 até 1889.

Preço de capa 800 reis franco de porte.

Tambem se recebem volumes para encadernar n'estas capas, tanto de Lisboa como da provincia.

Preço da capa e encadernação 1$200.

Pedidos á Empreza do Occidente.

Largo do Poço Novo — Lisboa.

**ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE Para 1891**

Sae brevemente á luz este almanach. Recebem-se desde já encommendas na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa.


*Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª*
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43